

A PROFISSÃO DE ARQUITETO

Considerações sobre sua legislação

Escola Politécnica de São Paulo

BIBLIOTÉCA

TÉSE OFICIAL DO COMITÊ BRASILEIRO APRESENTADA AO V CONGRESSO PAN-AMERICANO DE ARQUITETOS

Arquiteto — ANGELO A. MURGEL

Depois de tantos anos de civilização e cultura da humanidade, em que, pela evolução natural, tanto se transformaram conceitos, princípios e direitos, verdades e crenças, processos e doutrinas, permanece a profissão de arquiteto, desde a sua constituição segundo os canones do mundo moderno, sem a assistência das leis e sem a delimitação funcional que garantem e protegem as demais profissões liberais. Desde a mais remota antiguidade tem o arquiteto desempenhado a sua função com a propriedade, elevação e nobreza que nos atestam suas obras, através dos séculos, traçando a história da Humanidade nesses largos e inspirados traços que o granito e outros materiais duráveis perpetuam. Sua situação no concerto de cada sociedade tem variado grandemente, segundo a importância de seu papel e o valor e capacidade com que o desempenha. A arquitetura sacerdotal do Egito faraônico, a dos brâmanes na Índia, e dos nobres e patricios da Grécia e de Roma, a de espíritos emancipados e renovadores cortejados por Papas e reis, do Renascimento, dizem bem o que tem sido sempre o arquiteto. Do obscurantismo e da degenerescência da arquitetura no século passado que culminou, no início deste em que vivemos, com o bastardíssimo movimento da Arte Nova, provêm os males e defeitos que nos cumpre concertar pela cultura cada vez maior de nossa profissão, pela educação da sociedade nos princípios e no gosto da verdadeira Arquitetura e pela proteção da Lei, afim de que, curiosos e leigos não a deturpem e aviltem afim de que somente ao arquiteto sejam cometidas as obras de arquitetura, aclarando-se de vez o atual estado de confusão em que os diversos campos profissionais se interpenetram e se superpõem e aos quais é permitido até mesmo o ingresso

e pratica a indivíduos sem o menor preparo profissional.

Em todos os tempos, como sabemos, arquitetos têm sido profissionais, que, de posse de todos os conhecimentos técnicos de sua época, dispendo de cabedal e inspiração artística, criaram pela concepção e dirigiram pela cultura e capacidade e execução de todas as obras primas que ainda hoje constituem o orgulho do gênio humano.

Em todos os tempos vemos o arquiteto entre os pioneiros propugnadores do progresso, formando no cimo das escalas sociais, dentre os elementos mais válidos pelos serviços inestimáveis e indispensáveis que presta, pela ação civilizadora que exerce ou pela função que lhe cabe de concretizar em obras duradouras os ideais e as conquistas de sua época.

Em todos os tempos foram os arquitetos assim compreendidos e a singularíssima personalidade de Leonardo da Vinci é bem o símbolo do profissional que pretendo definir. Entretanto, nesse estranho século passado, que mereceu o título de século da luz, pelas brilhantes conquistas científicas e materiais que nele se realizaram, assistimos uma das mais tristes decadências da arquitetura em que os pretensos arquitetos, esquecidos dos princípios imutáveis e milenares das verdadeiras arquiteturas e esquecidos do valor cultural dos seus antecessores entregaram-se á prática de uma falsa arquitetura de cópia do passado, mascarando nos seus arremedos inexpressivos e ilógicos os novos processos construtivos e os novos materiais que a indústria e a ciência lhes prodigalizavam. Esquecidos ou ignorantes das magníficas lições do passado, em que os sistemas construtivos eram adotados consoante os materiais disponíveis, ressaltando, aqueles e estes, da obra archite-